

## "Cajazeiras tem história": ensino de história e história pública em tempos de pandemia (Salvador, BA)

Vitor SANTOS<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto discutimos algumas questões sobre a História Pública nas redes sociais a partir da experiência do projeto cultural *Cajazeiras tem História*, realizado no início do ano de 2021, nas plataformas da página *H da História*. Idealizado e realizado pelo historiador Vitor Santos, o projeto contou com a participação de 17 pessoas envolvidas no contexto de produção de conhecimento cultural, artístico, intelectual, educacional nesse importante bairro periférico da capital baiana. Para isso, utilizaremos como fontes de análise e discussão os materiais produzidos na página do *Instagram* e canal do *YouTube*. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é fazer uma breve avaliação das mídias sociais na difusão de conhecimentos históricos para o grande público e também para o uso em sala de aula.

**Palavras-chave:** História pública, pandemia, história das cidades.

---

<sup>1</sup> Historiador, licenciado pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) e Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua como Professor de História do Ensino Básico na Rede Pública do Estado da Bahia, produz conteúdos sobre Ensino de História no canal "H da História" e realiza pesquisa sobre o bairro de Cajazeiras (Salvador-BA) com ênfase em história oral e memória. Salvador. BA. Brasil. ORCID: 0000-0002-6241-4212 E-mail: rangel.vitor@hotmail.com

## "Cajazeiras has history": history teaching and public history in pandemic times (Salvador-BA)

**Abstract:** In this text we discuss some questions about Public History on social media based on the experience of the cultural project Cajazeiras tem História, carried out at the beginning of 2021 on the platforms of page H da História. Conceived and carried out by historian Vitor Santos, the project involved the participation of 17 people involved in the context of producing cultural, artistic, intellectual and educational knowledge in this important peripheral neighborhood of the capital of Bahia. To do this, we will use the materials produced on the Instagram page and YouTube channel as sources of analysis and discussion. In this sense, the objective of this work is to make a brief assessment of social media in the dissemination of historical knowledge to the general public and also for use in the classroom.

**Keywords:** Public history, pandemic, history of cities.

## INTRODUÇÃO

Em pesquisa nacional realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) junto a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo (SEC-SP) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), os setores de Cultura e Economia Criativa não passaram ilesos aos efeitos da crise econômica gerada pela pandemia de COVID-19. De acordo com o levantamento, mais de 90% dos projetos estudados foram suspensos ou cancelados afetando cerca de 4,9 milhões de postos de trabalho e 300 mil empresas e instituições neste setor que até então movimentava 2,64% do PIB brasileiro. Além disso, o estudo apontava para um futuro bastante incerto visto que em 43,9% dos casos estudados nenhuma medida para enfrentamento da crise havia sido tomada<sup>2</sup>.

A crise humanitária causada pela pandemia agravou ainda mais a situação que já vinha se instalando desde a extinção do Ministério da Cultura que foi rebaixado a categoria de Secretaria Especial em 2019<sup>3</sup>, causando “o fechamento de aparelhos culturais, demissões e a fome de artistas que não [tinham] como se manter”<sup>4</sup>. Após pressões e manifestações dos setores artístico e cultural em todo o país<sup>5</sup>, em 29 de junho de 2020 foi sancionada pelo Governo Federal a Lei nº 14.017 que dispunha “sobre ações emergenciais ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública”<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> FGV; SEC-SP; SEBRAE. **Conjuntura do setor de Economia Criativa: efeitos da crise da Covid-19**. Julho de 2020. Disponível em: <https://www.cultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa-FGV-Impacto-pandemia.pdf>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>3</sup> BRASIL **Medida provisória nº 870, de 1º de janeiro de 2019**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 157, Edição especial, 01 janeiro 2019. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=MPV&numero=870&ano=2019&ato=31aETRq5keZpWTddB>. Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Joana. **Pandemia gera “cataclisma” na cultura, e artistas passam fome em meio à falta de políticas do Governo**. EL PAÍS, São Paulo, SP, 20 maio 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-05-30/pandemia-gera-cataclisma-na-cultura-e-artistas-passam-fome-em-meio-a-falta-de-politicas-do-governo.html>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>5</sup> EL PAÍS. **Artistas e intelectuais lançam manifesto internacional contra censura no Governo Bolsonaro**. São Paulo, SP, 07 fevereiro 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/politica/2020-02-07/artistas-e-intelectuais-lancam-manifesto-internacional-contr-censura-no-governo-bolsonaro.html>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>6</sup> BRASIL. **Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 158, nº 123, 30 junho 2020. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso 27 nov. 2021.

que havia sido decretado em 20 de março de 2020 por consequência da pandemia de COVID-19<sup>7</sup>.

Esta Lei foi batizada com o nome do compositor e escritor brasileiro Aldir Blanc,<sup>8</sup> uma das mais de 600 mil vítimas do descaso do Governo Federal em relação às ações de controle e redução de danos do novo Coronavírus<sup>9</sup>. Em solo baiano a lei foi aplicada pelo Governo do Estado através do Programa Aldir Blanc Bahia que distribuiu mais de R\$50,7 milhões por meio de oito editais publicados pela Secretaria de Cultura<sup>10</sup>, entre eles estava o Prêmio Fundação Pedro Calmon que distribuiu duzentas premiações no valor de R\$4.250,00 para projetos de pesquisadoras/es livres e associados na categoria Memória<sup>11</sup>.

Entre os contemplados pelo edital figurou o projeto *Cajazeiras tem história* de autoria do historiador, professor e pesquisador Vitor Santos. O projeto propôs a análise e discussão das memórias sobre o bairro de Cajazeiras a partir de pesquisas realizadas em fontes impressas, acerca das questões concernentes ao processo de desenvolvimento dessa importante periferia da capital baiana<sup>12</sup>. Além disto, buscou divulgar a importância da produção de conteúdos artísticos, literários e acadêmicos sobre Cajazeiras e as demais periferias baianas. Todo o projeto foi realizado de maneira virtual através das plataformas do *YouTube* e *Instagram* do canal *H da História* em que o autor do projeto produz conteúdos relacionados ao Ensino de História junto ao seu irmão Vinícius Santos.

Situado na região do “Miolo”<sup>13</sup> da cidade de Salvador-BA, “o complexo Habitacional Cajazeiras é constituído dos bairros Cajazeiras II, III, IV, V, VI, VII, VIII,

<sup>7</sup> *id.* Decreto Legislativo nº 6, de 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/DLG6-2020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm). Acesso 27 nov. 2021.

<sup>8</sup> ABDALA, Vitor. Aldir Blanc morre aos 73 anos de covid-19, no Rio de Janeiro. Agência Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 04 maio 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/aldir-blanc-morre-aos-73-anos-de-covid-19-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>10</sup> SECULT. Programa Aldir Blanc Bahia anuncia oito editais com recursos de mais de R\$ 50,7 milhões para Cultura. 30 setembro 2020. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2020/09/17836/Programa-Aldir-Blanc-Bahia-anuncia-oito-editais-com-recursos-de-mais-de-R-507-milhoes-para-Cultura.html>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>11</sup> FUNDAÇÃO PEDRO CALMON. Edital premia 200 pesquisadores na promoção e difusão da história da Bahia. 15 outubro 2020. Disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br/2020/10/1852/Edital-premia-200-pesquisadores-na-promocao-e-difusao-da-historia-da-Bahia.html>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>12</sup> SECULT. #LeiAldirBlanc - Memória e Cultura são temas abordados no Projeto Cajazeiras tem história! 28 janeiro 2021. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2021/01/18192/LeiAldirBlanc-Memoria-e-Cultura-sao-temas-abordados-no-Projeto-Cajazeiras-tem-historia.html>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>13</sup> O “Miolo” é uma das Macrorregiões institucionalizadas pelo Plano de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 1985, está localizada entre os dois principais vetores de expansão urbana de Salvador, a BR-324 e a Av.

X e XI, as Fazendas Grande I, II, III e IV, Águas Claras e Boca da Mata”. (SILVA, 2019, p. 61) Sua criação data de 20 de outubro de 1975, quando o Governo do Estado da Bahia emitiu o decreto 24.922 desapropriando os terrenos em que foram construídos os conjuntos habitacionais. Entretanto, somente em 1977 o Plano Urbanístico Integrado Cajazeira foi oficializado, quando foram apresentados pela CEDURB (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia) planos de sistemas habitacionais considerados integrados ao desenvolvimento urbano. (ALMEIDA, 2005, p. 15).

### PANDEMIA, CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS

O isolamento social necessário diante das questões relacionadas a pandemia de COVID-19 afetou a todas/os nós de diversas formas. Em nosso caso, gostaríamos de salientar as questões relacionadas ao desalento causado, não somente por todo o contexto de readaptação à nova realidade que se impunha naquele momento, mas também às incertezas em relação ao futuro. Como já citamos anteriormente, as ações por parte do Governo Federal em combate à doença que pegou a todas as pessoas de surpresa foram quase inexistentes, a crise econômica e o desemprego – que já eram uma dolorosa realidade antes da pandemia – aumentaram ainda mais.

Diante desse contexto, manter a sanidade mental e resistir tornava-se para nós essencial, mas uma questão pairava pelo ar: como fazer isso? A solução encontrada no nosso caso foi não parar, continuar praticando e exercendo nossa profissão mesmo sem remuneração. Foi nesse momento que tivemos a ideia de criar o canal *H da História* com o intuito de levar ao público geral questões relacionadas ao Ensino de História de uma forma leve, descontraída e sucinta, mas sem perder de vista a necessidade de trazer problemáticas e questões essenciais nas temáticas discutidas.

Da sua criação, em 21 de agosto de 2020 até a data da escrita desse texto, o canal conta com 576 inscritos e 26 vídeos publicados. Nossos dois vídeos mais assistidos contabilizam cerca de 11 mil e 1,7 mil visualizações, respectivamente, ambos versam sobre questões relacionadas a aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, uma demanda constatada por nós em breve pesquisa na plataforma *YouTube*. Todo o processo de construção de roteiros, filmagem e edição são feitas por nós, fator que foi mais um

---

Luiz Viana Filho (Paralela). Subdivide-se nas Regiões Administrativas do Cabula, Tancredo Neves, Pau da Lima e Cajazeiras. (SALVADOR, 2009, p. 32)

desafio, visto que não tínhamos nenhuma experiência ou qualificação no manuseio de programas de edição de imagem, som e vídeo.

Na mesma data criamos a página no *Instagram*, que atualmente conta com 1.141 seguidores e 164 publicações. É nesta plataforma que fazemos a divulgação dos vídeos compartilhados no canal através de imagens que trazem questionamentos e problemáticas trabalhadas nas produções audiovisuais que estão no *YouTube*. Além disso, foi nesta plataforma que fizemos todo o processo de divulgação do projeto *Cajazeiras tem história* e realizamos contatos com as pessoas que participaram direta e indiretamente na execução do trabalho. Consideramos esta uma ferramenta essencial para a lida na produção de conteúdo educacional nos meios virtuais, apesar de todos os problemas relacionados ao modo como a plataforma opera e a escolha ou não daquilo que “merece” ser propagado na rede<sup>14</sup>. Sobre o funcionamento de algoritmos e a seletividade dos conteúdos que “merecem” ser vistos, André Pereira Leme Lopes (2018, p. 152) afirma que

Pesquisar história nunca foi um trabalho simples e o advento da internet não veio facilitá-lo, mas apenas oferecer novas oportunidades, novos dados, novos horizontes para a pesquisa historiográfica. Esta, no entanto, continua sendo um trabalho árduo, de busca por informações que não se encontram inicialmente disponíveis, de procura por documentos escondidos nas profundezas dos arquivos e pela comparação e análise de toda a informação que o engenheiro do pesquisador puder dar à luz.

De acordo com Pedro Telles da Silveira (2021, p. 292-293), o *Youtube* é uma importante ferramenta pois possibilita a criação de conteúdo original, algo que durante muito tempo foi limitado ao público geral. Entretanto, isso não significa que tudo o que está publicizado no imenso repositório da plataforma pode ser considerado qualificado para determinados debates, pois que muitas pessoas reproduzem materiais já existentes que remontam às mídias tradicionais. Desse modo, consideramos que nosso trabalho destaca-se por levar ao grande público a História de uma forma simplificada sem perder de vistas os pressupostos teóricos e metodológicos imprescindíveis ao trabalho de historiadoras/es. (ROVAI, 2018)

---

<sup>14</sup> FANTÁSTICO. **Acusações de ex-funcionária do Facebook reacendem discussão sobre o papel das redes sociais.** 10 outubro 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/10/10/acusacoes-de-ex-funcionaria-do-facebook-reacendem-discussao-sobre-o-papel-das-redes-sociais.ghtml>. Acesso 27 nov. 2021.

## A EXECUÇÃO DO PROJETO

O projeto *Cajazeiras tem história* foi realizado entre os dias 24 de fevereiro e 25 de março do ano de 2021 e contemplou as seguintes atividades: 1. Publicações sobre a história de Cajazeiras; 2. Rodas de conversa virtual; 3. Sorteios de livros; 4. Exposição de arte e fotografia; 5. Mostra musical. Todas estas realizadas de maneira virtual através das plataformas do *YouTube* e *Instagram* do canal *H da História*.

Foram quatro publicações no *Instagram* de vídeos sobre a história do bairro de Cajazeiras, o primeiro versou sobre o início da urbanização da região do atual Complexo Habitacional, sobretudo sobre a localidade de Águas Claras que já existia antes da construção dos Conjuntos Habitacionais do Projeto Cajazeira<sup>15</sup>. O vídeo de 6 minutos teve um alcance bem grande, chegando a mais de 1000 visualizações na página do canal e a mais de dez mil na página “Cajazeiras da depressão” que repostou o conteúdo em sua página.

No segundo vídeo, visto por mais de setecentas vezes, falamos sobre as questões relacionadas à distância do bairro em relação ao centro econômico da capital baiana, em sete minutos nós evidenciamos principalmente as dificuldades que os moradores da localidade enfrentaram frente a precariedade dos serviços de transporte público em Salvador no final da década de 1970 e início da década de 1980<sup>16</sup>. A terceira publicação, visualizada quase trezentas vezes, discute em seis minutos sobre as dificuldades relacionadas a infraestrutura do bairro, problematizando a qualidade de vida dos moradores dos grandes centros urbanos para além da possibilidade de possuir uma moradia. Evidenciou-se a importância do acesso destas populações ao direito à cidade e, por consequência, à cidadania<sup>17</sup>.

No último e mais longo vídeo - com 9 minutos e mais de novecentas visualizações - buscamos mostrar algumas das iniciativas dos habitantes do bairro em busca de qualidade de vida, suas variadas táticas de luta e sobrevivência, ampliando a compreensão desse território para além daquilo que lhes é imposto. Colocamos em destaque os diversos

---

<sup>15</sup> H DA HISTÓRIA. *Antes de Cajazeiras, Águas Claras*. 04 fevereiro 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK4u3UdjwR-/>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>16</sup> H DA HISTÓRIA. *Difícil pra sair, difícil pra voltar*. 18 fevereiro 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLc1kpyjEjH/>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>17</sup> *id.* “O teto, apenas, não basta”. 04 março 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMA1M30jvZh/>. Acesso 27 nov. 2021.

movimentos sociais e empreendimentos coletivos dos moradores do bairro, que estão no cotidiano formando mentes críticas e pensantes no bairro<sup>18</sup>. Em todas as publicações foram utilizados recortes de jornais, entrevistas, livros e trabalhos acadêmicos.

As rodas de conversa virtual foram realizadas na plataforma *StreamYard* e transmitidas ao vivo através do nosso canal no *YouTube*. Em quatro oportunidades recebemos pessoas que estão envolvidas na construção de conhecimentos artístico, cultural, intelectual e educacional no bairro de Cajazeiras. Na primeira *live*, junto a Marise Urbano (produtora cultural, pesquisadora, curadora, júri e parecerista), Marcos Paulo Silva (arte educador, poeta e artista visual) e Patrícia Dantas (professora e gestora de biblioteca comunitária) discutimos sobre a produção e difusão de arte e cultura no bairro e seu impacto e importância na transformação de vida de diversas pessoas e famílias.<sup>19</sup>

Na segunda transmissão, encontramos Jessica Tassia (professora de História em uma instituição particular de ensino do bairro), Flávio Márcio do Sacramento (professor de História da rede pública na localidade) e Iure Alcântara (professor de História e morador de Cajazeiras) para conversar sobre experiências de atividades realizadas no chão das escolas que valorizaram a memória popular em relação à localidade.<sup>20</sup> O terceiro encontro foi realizado junto a Taís Alana (professora e estudante de Geografia), Emanuelle Pereira (assessora de imprensa, redatora e pesquisadora) e Samuel Medeiros (professor e estudante de Matemática), no qual conversamos sobre os desafios que os moradores de periferias encontram ao adentrarem no espaço elitizado das Universidades.<sup>21</sup>

A última *live* foi tecida junto a Nelma Barbosa (professora, artista plástica e pesquisadora), Maria Alice Silva (escritora, advogada e pesquisadora) e Paulo Roberto Souza (professor, pesquisador e comunicólogo), na qual conversamos um pouco sobre as suas dissertações<sup>22</sup> que tiveram como objeto de estudo o Complexo Habitacional

<sup>18</sup> *id.* **Cajacity vive**. 18 março 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMk2kF5jJMu/>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>19</sup> *id.* **Transformando vidas: a produção de arte e cultura em Cajazeiras**. 11 fevereiro 2021. Disponível em: <https://youtu.be/JBcAi62ywic>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>20</sup> *id.* **Ensino de História Local: valorizando a memória popular sobre Cajazeiras**. 23 fevereiro 2021. Disponível em: <https://youtu.be/L5rrVmx4T-E>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>21</sup> *Id.* **Ocupação e resistência: a Universidade como território para pessoas periféricas**. 11 março 2021. Disponível em: <https://youtu.be/WohwlnAV0dA>. Acesso 27 nov. 2021.

<sup>22</sup> Cf. BARBOSA, 2009; SILVA, 2017; SANTOS, 2019.



Cajazeiras e a importância de divulgar os estudos já realizados sobre o local.<sup>23</sup> Em todas as transmissões tivemos a participação de artistas moradores da localidade que permitiram a exposição dos seus trabalhos: Áurea Semiséria (rapper), Mao (grafiteiro e artista urbano), Lanne (fotógrafa e estudante), Amásia (grupo de rap) e (Valcécia Barbosa (cantora, compositora e estudante).

Com o objetivo de difundir conhecimentos, incentivar a leitura e aumentar a divulgação das *lives* foram realizados sorteios de oito livros: “Sobrevivendo no inferno”, de Racionais MC’s; “Afluentes poéticos”, de Alessandra Sampaio; “Moderna, mas honrada”, de Cristiane Rocha; “Soteropohistória”, de Flávio Márcio Sacramento; “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo; “Mulheres da Bahia”, de Cristiane Rocha e Silvia Karla; “Pedra de Xangô”, de Maria Alice Silva; e “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak. As obras foram escolhidas por representarem a literatura acadêmica e ficcional afro-brasileira e indígena, assim perfazendo um dos objetivos das Leis 10.639/03 e 11.645/08, tão relevantes ao Ensino de História na atualidade.

### **COTIDIANO, MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL**

Consideramos este um projeto de grande relevância, principalmente por conta pequena quantidade de estudos históricos concernentes a Cajazeiras, região importante dentro do contexto social e urbano de Salvador. Apesar de ser um dos bairros mais novos da cidade, é notável seu tamanho geográfico e populacional, refletindo as grandes transformações ocorridas no Brasil durante o período da ditadura militar no final do século XX e início do século XXI. Porém, esse desenvolvimento que deveria seguir o caminho trilhado pelos poderes públicos, responsáveis por seu planejamento, ocorreu de uma forma muito particular, através da reorganização e reapropriação espacial realizada pelos moradores do bairro. (SANTOS, 2023)

A implantação de Cajazeiras realizou-se num processo de segregação espacial comum aos principais centros urbanos do Brasil, no qual é priorizada a distribuição popular de acordo com a raça e classe social. Diferenciando os cidadãos a partir da renda e cor, é vedado a alguns o direito de usufruir as vantagens que os diferentes espaços urbanos oferecem, constituindo-se, desta forma, mais uma questão popular que requer

---

<sup>23</sup> H DA HISTÓRIA. *Tecendo novos conhecimentos: Cajazeiras como objeto de estudos acadêmicos*. 25 março 2021. Disponível em: <https://youtu.be/NqAgNEnsJn4>. Acesso 27 nov. 2021.

amparo do Estado. (SANTOS, 2007; SOUZA, 2000) Nesse ambiente de exclusão, a reorganização do bairro surge como uma tática para amenizar os problemas de uma grande massa popular que vive em situação precária dentro do cenário citadino, a qual mesmo distante do centro da cidade de Salvador e muitas vezes construindo suas moradas em locais inapropriados, alcançam a possibilidade de, enfim, realizar o sonho da casa própria. (MARICATO, 1985)

Nesse sentido, na primeira *live* realizada Marcos Paulo Silva destaca:

Então, a gente tá preocupado com Cajazeiras né? Com o desenvolvimento da população negra de Cajazeiras né? A juventude negra precisa se desenvolver e a gente tá preocupado com isso. E então, *a gente fica desenvolvendo estratégias para poder desenvolver solidariedade e organização para que a juventude ou as pessoas de Cajazeiras, preocupadas com sua vida ou com a vida do bairro, construam atividades que possam de alguma forma trilhar caminhos né? Mover as coisas, porque a gente sabe que o poder público não se importa conosco, ou se importa conosco quando tem eleição né?* Então eles vem sempre aqui para ganhar votos, como se fosse um curral eleitoral. E Cajazeiras, mesmo antes do JACA [Juventude Ativista de Cajazeiras] tem uma vida cultural enorme! Nossa, Cajazeiras é incrível! Cajazeiras tem muita coisa acontecendo e muita gente genial, inteligentíssima. Então, a gente tá sempre aprendendo com todos e todas, e tá sempre tentando fortalecer esses grupos, essas pessoas que estão produzindo em Cajazeiras, em prol de Cajazeiras, a gente tá sempre com essa preocupação, essa conexão [...].<sup>24</sup>

Por compreender que as urbes não podem ser estudadas de forma isolada, mas no conjunto com os habitantes e tudo que lhe é agregado (CARPINTERÓ; CERASOLI, 2009), este projeto trouxe à tona as vozes das pessoas que compõem Cajazeiras, com o intuito de compreender a formação do bairro e suas nuances, pois os moradores são partícipes do processo de constituição das cidades; e, em certa medida, a constroem e reconstroem, mudando, por vezes, as características físicas da localidade. O estudo dos bairros é relevante por expressar a relação da população com o espaço e sua noção de pertencimento ao mesmo, remodelando os locais que foram projetados pelos poderes públicos para atender determinadas funções na cidade e, por vezes, na sociedade, pois os espaços podem ser delimitadores de grupos e/ou classes sociais.

Diante disso, tomamos o cotidiano tal como afirma Michel de Certeau (1998), através da relação entre produtores e consumidores, em que ficam observadas às classes

---

<sup>24</sup> *id.* **Transformando vidas: a produção de arte e cultura em Cajazeiras.** 11 fevereiro 2021. Disponível em: <https://youtu.be/JBcAi62ywic>. Acesso 27 nov. 2021. (grifo nosso)

dominadas apenas o papel de consumir, sem deixarem suas marcas ou modificações àquilo que é imposto pelas classes dominantes. Entretanto, diferente do que desejam e planejam as elites, as classes subalternas conseguem subverter a ordem estabelecida, sobrepondo-se aos limites a eles impostos e rearticulando-se de modo individual e, por vezes coletivo, em sua busca por direitos e inclusão nos espaços públicos.

Pensando o Ensino de História, o estudo do cotidiano pode nos oferecer diversos espectros em relação às transformações que ocorrem na nossa vida diária, possibilitando a atribuição de sentidos outros às nossas vivências que não sejam àquelas ligadas a alienação. A história local conecta-se ao estudo do cotidiano “ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado”. Para tal fim, soma-se a importância das discussões sobre memória, já que este “é um aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores como para o ensino”. (BITTENCOURT, 2009, p. 168)

Em um dos momentos do debate, Flávio Márcio do Sacramento explanou sobre a importância do Ensino de História Local dentro e fora do chão da escola:

Eu tenho muito orgulho de dividir essa mesa com Iure, com Jéssica, com você Vitor. Com essas pessoas que estão trazendo essas possibilidades da gente pensar a História de variadas formas. E pensar a História, sobretudo, essa História local, essa História nossa, essa História não-eurocêntrica - não desprezando essa História eurocêntrica - mas a gente passa o tempo todo estudando essa História eurocêntrica como uma coisa prioritária e chega uma hora em que é preciso romper com tudo isso e eu tento fazendo isso com as minhas possibilidades de escrita né? A partir dos livros que faço, das aulas que dou, a partir das pesquisas que estou desenvolvendo, e *tento trazer para a gente essa ideia de que a nossa cidade, os nossos bairros, a nossa população ela tem uma História muito forte que precisa ser colocada, e precisa ser ensinada e divulgada para que cada vez mais a gente possa se apaixonar pela História, possa ter orgulho dela, possa ter pertencimento a ela, valorizar a História para automaticamente também estarmos nos valorizando né?*<sup>25</sup>

Ao observar Salvador, pode-se concluir que nas periferias- localizam-se grande parte da população que compõe esta cidade, porém a memória popular em relação à capital baiana está muito mais ligada aos aspectos turísticos do que às particularidades

<sup>25</sup> *id.* **Ensino de História Local: valorizando a memória popular sobre Cajazeiras.** 23 fevereiro 2021. Disponível em: <https://youtu.be/L5rrVmx4T-E>. Acesso 27 nov. 2021. (grifo nosso)

dos bairros que a compõe. A partir das considerações do sociólogo Michael Pollak (1989) é possível afirmar que há um terreno de disputa intenso, em que a memória da população é colocada em esquecimento em relação a uma memória institucionalizada, reafirmada a todo o tempo nos nomes de avenidas, ruas, praças, bairros, monumentos, entre outros. Nesse contexto, Cajazeiras “foi construída de modo a não permitir outra leitura da história dos negros, senão a da subserviência, da inferioridade e da não-memória”<sup>26</sup>. (BARBOSA, 2009, p. 26)

Portanto, escutar e publicizar as vozes dessas pessoas silenciadas torna-se importante, visto que permite analisar como essas memórias suprimidas que formam uma localidade são essenciais na construção dos grandes centros urbanos, oferecendo um panorama favorável à compreensão da maneira como os cidadãos urbanos percebem a si, ao outro e ao local que compõem. Nesse sentido, Taís Alana nos traz reflexões muito relevantes para observar tal problemática:

Eu sou uma mulher preta, sou uma mulher lésbica, venho de Cajazeiras. Então todos esses paradigmas entram conosco na Universidade, [...] eu cheguei no IFBA [Instituto Federal da Bahia] com os dois pés na porta, porque eu quero que os outros de Cajazeiras entrem no IFBA, ocupem o IFBA. Como você muito bem falou, sobre a questão do Território e, para a Geografia [...] o Território é um local de poder. E quando você não ocupa aquele espaço, vem outro poder e toma aquele espaço de você. *Então, eu encaro a Universidade como um local que não era pra mim, mas, como eu sou uma mulher preta muito ousada, eu fui lá e tomei aquele espaço pra mim. E esse espaço é meu, e dele eu tenho posse e tento ocupá-lo da melhor forma possível. E tento passar isso para os meus alunos diariamente: a Universidade é para gente, assim como eles dizem que a cadeia é para a gente.* Então esse é sempre o diálogo que eu tenho com os meus alunos, porque a Universidade para mim ela não foi muito amistosa desde quando eu entrei. Eu encontrei muitas dificuldades e eu me questioneei por muitos momentos se realmente a Universidade era pra mim, porque eu sempre ouvia piadinha por primeiro, eu pelo menos estudo a noite, e sempre tive que sair mais cedo da aula para poder chegar em casa pelo menos 23h30. Então eu já saía de casa 16h para estar na Universidade 18h, porque você enfrenta todo o trânsito de Salvador, e saía da Universidade 21h15 para chegar em casa 23h. E isso diante de um dia corrido, e de um dia muito difícil. E aí você sempre ouve umas piadinhas porque você vai sair mais cedo. Com um tempo você acaba driblando esse processo, você leva muitas vezes na brincadeira também e você dá a desculpa de morar em Cajazeiras também como uma grande brincadeira.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> De acordo com dados da Prefeitura-Bairro de Cajazeiras “a distribuição da população segundo a cor/raça [...] apresentou-se da seguinte forma: 13,28% branca, 30,75% preta, 1,48% amarela, 54,09% parda e 0,27% indígena” (BAHIA, 2016, p. 47).

<sup>27</sup> *id.* **Ocupação e resistência: a Universidade como território para pessoas periféricas.** 11 março 2021. Disponível em: <https://youtu.be/WohwlnAV0dA>. Acesso 27 nov. 2021. (grifo nosso)

Portanto, através da oralidade essas memórias despontam possibilidades de interpretações sobre as temporalidades da História Local, permitindo analisar as mudanças e permanências da sociedade em que vivemos e suas consequências diretas e indiretas nas vidas das pessoas. Segundo Ricardo Santhiago (2018, p. 150), isto fortalece a produção historiográfica e revela o compromisso social que a História Pública alcançou até os dias atuais.

### UMA EXPERIÊNCIA COM A HISTÓRIA PÚBLICA

A despeito do nosso desconhecimento sobre as discussões referentes a História Pública antes da constituição e submissão da proposta do *Cajazeiras tem história* ao edital que concorremos, não consta no projeto original nenhuma referência a este campo de estudos. Entretanto, durante a segunda roda de conversa virtual uma das falas da professora Jessica Tassia nos chamou a atenção sobre como aquilo que estávamos construindo naquele momento tornava este um trabalho de História Pública:

Boa tarde a todas e a todos. Sem palavras viu Vitor? Para definir esse momento, você que foi meu aluno, estudei comigo do 9º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio e me perguntou né? Sobre a carreira de historiador, a gente conversou e hoje vejo que você está fazendo esse trabalho belíssimo né? De se preocupar com a História de Cajazeiras, de discutir, de levantar as memórias populares de Cajazeiras através desse projeto "Cajazeiras tem História", e mais do que isso né? De pensar no alcance do que você está produzindo junto com pessoas que têm envolvimento com o bairro de Cajazeiras, então você está fazendo uma História Pública e eu fico realmente muito feliz em observar essa sua trajetória profissional e compartilhar esse momento.<sup>28</sup>

Diante disso, concordando com a proposição de Jessica, analisaremos nossa experiência a partir dos pressupostos deste campo de pesquisa.

Apesar da sua breve trajetória no Brasil, as discussões referentes a este domínio da História vêm crescendo para além da proposição de pensar a construção de reflexões históricas para o público geral, constituindo uma forma de atuação profissional, de sociabilidades e um espaço de debates. Dentro desse contexto, destaca-se três possibilidades de trabalho com a História Pública - patrimônio, educação e mediações do passado -, evidenciando a importância de

---

<sup>28</sup> *id.* **Ensino de História Local: valorizando a memória popular sobre Cajazeiras.** 23 fevereiro 2021. Disponível em: <https://youtu.be/L5rrVmx4T-E>. Acesso 27 nov. 2021.

[...] encontrar não uma forma de fazer história para resolver os problemas do presente, mas analisar as formas sob as quais a história vem sendo feita, narrada e mobilizada no tempo presente, quais são os espaços que ela vem transformando em lugares, a partir de quais mecanismos e articulações. (HERMETO, 2018, p. 8, 9)

Acreditamos que o início da pandemia de COVID-19 tencionou ainda mais a necessidade de discutir estas questões, sobretudo em função da impossibilidade de ocorrerem atividades presenciais, transformando os meios virtuais como única forma de promover atividades educacionais, culturais, intelectuais e artísticas. Porém, é necessário salientar que o trabalho historiográfico nas redes sociais não é tão simples quanto parece e desperta diversos problemas que precisam ser analisados de modo minucioso e atento. (LOPES, 2018, p. 161)

Observamos em nosso projeto um êxito ao trabalhar a relação de como os meios de comunicação – no nosso caso os jornais – constituem imagens e visões sobre a cidade e seus moradores, direcionando olhares e educando sensibilidades para constituir “uma opinião pública mais disponível a apoiar as políticas de modernização urbana então em curso, reiterando determinadas visões de história, de tempo, de passado”. Dessa maneira, chamamos atenção para como a memória é trabalhada através da relação entre as transformações na paisagem urbana e as visões transmitidas cotidianamente pela imprensa local. (HADLER, 2018, p. 76-89)

Uma das falas de Paulo Roberto Santos é muito simbólica para pensar as disputas no campo da memória e como a produção de conhecimento acadêmico por pessoas periféricas podem ressignificar histórias:

É um prazer imenso estar aqui para dividir um pouco com vocês como foi a experiência de trazer numa dissertação de Mestrado, de levar para a academia um pouco da história de Cajazeiras, história essa que nasce não no final dos anos 1970 ou no início dos anos 1980 quando a gente vai fazer as pesquisas e os órgãos oficiais têm lá essas datas como marco. Então, se a gente for buscar, certamente vai estar lá como marco esse finalzinho dos anos 1970 e início dos anos 1980. Mas a História de Cajazeiras nasce muito antes, essa História que foi falada ai do Buraco do Tatu, essa História do Quilombo do Orobú, essa História que tem a Pedra de Xangô como marco não é? Então para abrir minha fala, um salve à ancestralidade, um salve à Pedra de Xangô, marco inicial de toda essa História.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> *id.* **Tecendo novos conhecimentos: Cajazeiras como objeto de estudos acadêmicos.** 25 março 2021. Disponível em: <https://youtu.be/NqAgNEsJn4>. Acesso 27 nov. 2021.

A Pedra de Xangô é um monumento religioso localizado no Complexo Cajazeiras, que teve sua existência ameaçada durante a construção de melhoramentos urbanos no início do Século XXI. Diante da luta empenhada pelos moradores, ambientalistas, comunidades tradicionais de terreiros e outros grupos sociais, a grande rocha foi tombada e reconhecida como patrimônio cultural da cidade de Salvador desde o ano de 2016, tomando-se um símbolo da resistência popular em busca do direito à cidade. (BARBOSA, 2009; SILVA, 2017) Assim sendo, é possível notar quanto importância da visão social sobre os processos históricos vivenciados possibilitam uma leitura pública da história, pois

É a experiência, a vivência que dão o norte interpretativo do que queremos patrimonializar. Esse desejo é extremamente variável com o tempo: a busca de exaltação os graus variados de desinteresse pelo patrimônio relacionam-se com os momentos diferenciados de fervor patriótico, de orgulho nacional ou de identificação com o que é próprio (a comunidade). A vontade patrimonializadora liga-se às formas de apropriação do passado e ao desejo de transmissão. Tudo isso exige uma prévia operação de escolhas e de leituras da história para a definição do que, por que e como conserva. A leitura do passado, portanto, alia-se fortemente ao futuro, ao devir. Escolhas para a conservação são, em essência, buscas de identificação e de transmissão de identidades. (MENESES, p. 30-31)

Destaca-se também a possibilidade de apresentarmos propostas de construção de saberes históricos que dialoguem tanto com a História ensinada em sala de aula, quanto com a historiografia. Em tempos de negacionismo e ascensão de projetos como *Brasil Paralelo*<sup>30</sup>, torna-se essencial

[...] romper com a mediocridade das zonas de conforto constituídas por discursos escamoteadores e simplistas, demonstrando a complexidade do processo de construção do conhecimento que liberta e produz o reconhecimento de si e do outro, a responsabilidade que temos nesse processo e o relativismo temporal das verdades históricas. (WANDERLEY, 2018, p. 106)

Portanto, torna-se necessário refletirmos sobre a importância de nós, como historiadoras/es nos comprometer com um saber que visa a democratização dos usos do passado a partir dos interesses do presente, enfatizando a necessidade de praticar a alteridade e incentivar o conflito de ideias com o objetivo de amadurecer a nossa vivência

---

<sup>30</sup> Sobre o Brasil Paralelo, Cf. DÓRIA PAULO, 2020.

em coletividade. Para este fim, é imprescindível a construção de diálogos, a ampliação da concepção de *público* e o uso da criatividade na forma como narramos a história. Entretanto, é necessário sempre termos em mente que esse processo não é praticado através da “mera tradução ou transposição do saber científico para outros espaços, mas com processos mais complexos, e até mais incômodos, de se pensar, produzir, divulgar e acessar a história”. (ROVAI, 2018, p. 185, 186. *Grifo da autora*)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que as experiências vivenciadas durante o projeto *Cajazeiras tem história* foram mais do que satisfatórias, apesar do trabalho ter sido bastante cansativo, devido a longa duração do trabalho e também pelo fato de o autor da proposta praticamente construir todo o projeto sozinho devido aos altos custos que traria caso houvesse a contratação de profissionais que trabalham com edição de imagem, áudio e vídeo. Para além disso, como foi citado anteriormente, o projeto também serviu como uma forma de enfrentamento às consequências e demandas provenientes da pandemia do novo Coronavírus, sobretudo as questões financeiras e de saúde mental.

Além disso, o trabalho foi essencial para a divulgação da nossa pesquisa que resultou em uma dissertação de Mestrado<sup>31</sup>, visto que acreditamos que o conhecimento científico não deve ficar isolado aos círculos acadêmicos. Nosso principal objetivo é que a população não só de Cajazeiras, mas de todas as periferias urbanas do Brasil tenham consciência de sua relevância na construção da história, que conheçam e valorizem sua memória e, principalmente, reconheçam a Universidade e a academia como um espaço que nos cabe.

Aproveitamos para evidenciar que este foi um projeto tecido em coletividade, sem todas as pessoas que participaram direta e indiretamente em todo o processo de execução não alcançaríamos o êxito e sucesso que foi projeto, dentro das suas possibilidades e limitações. Agradecemos a cada uma destas pessoas, tanto as já citadas no decorrer do nosso escrito, quanto as que não foram citadas também. A vocês toda a nossa gratidão, saímos mais do que felizes, conscientes e confiantes de que CAJAZEIRAS TEM HISTÓRIA!

---

<sup>31</sup> Cf. SANTOS, 2023.



## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALMEIDA, Tania Maria Scofield Souza. Cajazeira. *Planejamento, processos de ocupação e contradições: Um percurso entre os discursos e as práticas que configuraram o território Cajazeira*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

BAHIA, Governo do Estado. *Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro*. 5ª ed. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

BARBOSA, Nelma Cristina Silva. *Um texto identitário negro: tensões e possibilidades em Cajazeiras, periferia de Salvador (Bahia)*. Dissertação de Mestrado em Comunicação/Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CARPINTERÓ, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. *A Cidade como história. História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DÓRIA PAULO, Diego Martins. *Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020)*. REBELA. Florianópolis, v.10, n.1., p.101-110, jan./abr. 202.

HADLER, Maria Sílvia Duarte. *Modernização urbana, patrimônio e História: algumas considerações*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

HERMETO, Miriam. *Por mais sede de história*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

LOPES, André Pereira Leme. *Virada digital? Pesquisa histórica no ciberespaço*. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 136 - 169, abr./jun. 2018.

MARICATO, Ermínia. *Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro à crise econômica*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MENESES, José Newton Coelho. *O patrimônio e a compreensão do passado: experiência intelectual e diálogo público*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2 n. 3, 1989, p. 3-15.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SALVADOR. *Prefeitura Municipal de. Cadernos da cidade: uso e ocupação do solo*. Salvador: SEDHAM; COPI, 2009.

SANTHIAGO, Ricardo. *Comunidades de escuta e compartilhamento: história pública, história oral e situações educacionais*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Paulo Roberto de Souza. *História e ousadia, resistência na periferia: o caso do Quilombo educacional do Orobú*. Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade/Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2018.

SANTOS. Vitor Rangel Souza dos. *"Cajazeiras, capital com jeito de interior": segregação urbana e invenção de um bairro-cidade em Salvador-BA*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local/Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2023.

SILVA, Maria Alice Pereira da. *Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

\_\_\_\_\_. *Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador*. Recife: Linceu, 2019.

SILVEIRA, Pedro Telles da. *Lembrar e esquecer na internet: Memória, mídias digitais e a temporalidade do perdão na esfera pública contemporânea*. Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p. 287-321, jan/abr 2021.

SOUZA, Ângela Gordilho. *Limites do Habitar – Segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX*. – Salvador: EDUFBA, 2000.

WANDERLEY, Sonia. *Didática da História escolar: um debate sobre o caráter público da História ensinada*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença *Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 28/07/2023  
Aprovado em: 29/05/2024